

INTRODUÇÃO

“A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas.” Paulo Freire

Arte e Infância constituem preocupações que me acompanham durante toda a vida e se situam num cenário complexo de discussão que permeia inúmeras áreas de conhecimento e pesquisa.

Pensar sobre arte e infância me traz, inevitavelmente, recordações de uma experiência positiva de criança que pôde crescer numa família e numa escola que sempre valorizaram a arte, que incentivaram minha expressão, que me apresentaram um universo cultural amplo e diverso e fomentaram uma paixão que, dia a dia, cresceu e amadureceu.

Apesar desse contexto extremamente favorável, percebi muito cedo que meu caminho pela arte se daria muito mais pelo prazer da apreciação sensível do que propriamente pela produção artística. Essa herança foi certamente determinante das minhas escolhas futuras. Não me tornei artista, mas a arte passou a ser para mim uma verdadeira necessidade. Aprendi, mesmo antes de ter acesso a qualquer referencial teórico que, como diz Greenberg, “Não basta hoje em dia ... ter uma inclinação para a cultura; é preciso sentir por ela uma verdadeira paixão...” (2001a, p.33). E, para isso, maiores oportunidades de contato e acesso, mediados por relações humanas de qualidade, foram interferências importantes.

Foi essa história feliz de infância e de escola que me levou ao Curso Normal, como primeira opção profissionalizante. Foi ela que me conduziu à idéia de que era possível sonhar com uma educação para todos, mas não uma educação qualquer. Uma educação que pudesse ter espaço para a razão e para o sentimento, para as ciências, para a matemática e para as artes. Por que outras crianças não poderiam ter, pelo menos na escola, a garantia de acesso à cultura? Por aí começou meu percurso profissional em busca de uma realização pessoal, mas também comprometido com o coletivo, pois educar exige sempre uma atitude política. Atuando há muitos anos na Educação Infantil e no primeiro segmento do Ensino Fundamental exerci diferentes funções, mas mantive aceso o ideal de

uma educação que tivesse a arte como parte integrante, como prioridade, como grande aliada na formação de inúmeras crianças.

Minha incursão na Musicoterapia, como opção universitária, me aproximou da arte como instrumento de reabilitação. Minha experiência com a música no tratamento de deficientes físicos, mentais e sensoriais ajudou-me a redimensionar o potencial da arte e sua contribuição na busca de alternativas consistentes na área de saúde.

Porém as escolhas fazem parte da vida e nelas sempre ganhamos e perdemos alguma coisa. Entre a saúde e a educação, percebi meu lugar na escola. Exercendo atualmente a direção geral de uma Instituição de Ensino, penso que esse deve ser um espaço de educação, não apenas para as crianças, mas também para os adultos. Um espaço onde todos os envolvidos assumam a dimensão de sujeitos de sua prática e se comprometam, não só com o aperfeiçoamento pessoal constante, mas também com o dos colegas, das crianças e o da instituição em que atuam. Acreditando que num espaço pedagógico todos são educandos e educadores, a busca natural de um aperfeiçoamento teórico para pensar o cotidiano da escola se faz presente tanto em grupo como individualmente. Trinta anos de participação ativa na construção coletiva de uma escola que dedica especial atenção às artes implicaram num esforço sistemático de articular teoria e prática, mas deixaram também a consciência de que sempre existirão enormes lacunas que precisarão ir sendo preenchidas ao longo da vida com uma atitude persistente de pesquisa e busca de conhecimento.

Retornar à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, após ter cursado a Especialização em Educação Infantil, representa essa busca constante de reflexão pessoal e profissional.

Em “Arte para as crianças e a arte das crianças – Histórias da Escola Sá Pereira” (1997), monografia para a pós-graduação, orientada pela professora Sonia Kramer, já discutia a importância da arte na formação das crianças. Tentando refletir sobre o tema, tive como cenário a escola. Mas já nesse trabalho apontava a relevância de outros espaços culturais para o processo educativo. Não se pode pensar uma proposta de arte-educação sem ultrapassar os portões da escola.

“O homem constrói conhecimento socialmente e a troca é fundamental para seu desenvolvimento. É na vida, no encontro com o outro que a aprendizagem se desenvolve. Esse processo se dá tanto fora como dentro da escola... Todos nós temos, em nosso dia a dia, acesso a diferentes mani-

festações artísticas, de diferentes produtores, dos mais populares aos mais eruditos, mesmo que não sejamos moradores das grandes cidades. Esse acesso é hoje possível não só em museus, teatros ou salas fechadas para esse fim, mas também através da televisão, dos jornais, revistas, enfim, de todos os meios de comunicação, dos objetos presentes em nossa casa, na rua". (Moura, 1997, p.29)

Reconhecendo as diversas possibilidades de acesso à cultura, propus um aprofundamento da questão ampliando, nesta dissertação, o universo pesquisado, tanto do ponto de vista teórico como empírico. O novo território foi o museu, uma instituição aberta a um público diverso e heterogêneo, mas o foco central da pesquisa continuou sendo o mesmo: arte e infância e suas possíveis relações.

Esta dissertação é uma tentativa de melhor compreender a relação entre arte e infância, tendo em vista as especificidades do museu para contextualizá-la. Refletir sobre o aluno, que não deixa de ser criança ou jovem quando sai com a escola para visitar um museu e conhecer as interações que estabelece nesse espaço com os outros alunos, seus professores, os monitores, as obras de arte e outros personagens menos evidentes para quem não esteve lá para observá-los. Esse é o convite que faço aos que se interessam pela infância e acreditam que a arte pode contribuir para a formação de indivíduos mais felizes, sensíveis e éticos.

Para alcançar esse objetivo procurei, num primeiro capítulo: a) fazer uma reflexão sobre a educação artística, trazendo informações recolhidas em alguns documentos oficiais que retratam o grau de interesse das políticas públicas voltadas para a questão, b) questionar o papel da arte na educação dos sujeitos pós-modernos, c) delinear a concepção de arte na educação que norteia a dissertação e d) apresentar os museus como parceiros potenciais da escola na tarefa educativa.

No segundo capítulo, faço um levantamento dos estudos e pesquisas realizados sobre o processo de aprimoramento da apreciação e leitura de obras, trazendo um breve histórico da importância da imagem no ensino da arte e das abordagens teóricas que orientaram sua utilização.

No terceiro capítulo apresento os objetivos da pesquisa, a metodologia e o referencial teórico utilizados.

No quarto capítulo entro finalmente "em campo", tecendo um estudo de inspiração etnográfica que desejou articular os dados recolhidos com o referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores, tentando construir um texto que articula a reflexão teórica e a pesquisa de campo.